

Mate o *feed* e retome o controle: histórias sobre personalização, governamentalidade e fissuras no poder algorítmico

Willian Fernandes Araujo

Universidade de Santa Cruz do Sul, Departamento de Gestão de Negócios e Comunicação, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3271-6690>

Resumo

O artigo aborda reações dissonantes e contrárias a ambientes digitais marcados pela noção de personalização, tendo como foco o Feed de Notícias. O objetivo da pesquisa é refletir sobre as dinâmicas de contestação a sistemas algorítmicos de personalização em plataformas on-line a partir da observação de extensões para navegador que buscam intervir nessas funcionalidades. Para isso, são analisadas três extensões para navegador produzidas por usuários do Facebook que buscam eliminar o Feed de Notícias. Metodologicamente, o estudo apresenta uma pesquisa exploratória, que visa descrever cada mecanismo a partir de seus sentidos e programas de ação. Neste sentido, a análise se desenvolve a partir da historiografia das ferramentas digitais e da semiótica material, com objetivo de mapear a construção dos sentidos e ações que as extensões analisadas almejam prescrever. Por fim, percebe-se que as ações das extensões são concebidas como uma ampliação da autonomia dos usuários diante do Facebook para, a partir da eliminação do *feed*, lidar com efeitos considerados indesejados da sua ação.

Palavras-chave

feed de notícias; personalização; poder algorítmico

1 Introdução

Em 2015, Mark Zuckerberg, presidente da Meta (controladora do Facebook), durante uma sessão aberta de perguntas e respostas em seu perfil pessoal no serviço, deu uma interessante amostra do seu entendimento sobre as relações humanas. Ao ser perguntado por

Stephen Hawking¹ sobre qual grande questão da ciência almejaria saber a resposta, Zuckerberg (2015, online, tradução nossa) respondeu que gostaria de conhecer a lei matemática fundamental por trás das relações humanas, “que governa o equilíbrio sobre quem e com o que todos nós nos importamos”. Essa pretensão essencialista de explicar as dinâmicas sociais e subjetivas por meio de uma lei matemática universal é só mais uma manifestação que revela a cultura tecnológica que embala o desenvolvimento dos sistemas e funcionalidades de plataformas online (ZUBOFF, 2021).

Está no centro dessa cultura o ideal da *personalização*: o propósito de criar sistemas que ajustem suas funcionalidades e interfaces a cada usuário a partir da análise dos dados produzidos sobre seus interesses e hábitos. Como slogan e cultura de desenvolvimento tecnológico, a personalização baseada em dados pessoais se espalhou para a maior parte das aplicações e sistemas mais usados contemporaneamente (ZUBOFF, 2021). Personalização é uma das técnicas de governo de plataformas on-line que tem como um dos seus principais objetivos ampliar a capacidade desses serviços renderizarem dados pessoais a partir dos nossos comportamentos on-line. Em 2013, o mesmo Zuckerberg chegou a classificar o Feed de Notícias como o melhor jornal personalizado do mundo: um sistema capaz de determinar o conteúdo certo, para pessoa *certa*, no momento certo (ARAUJO, 2017). Geralmente justificada por uma suposta melhora no uso dessas funcionalidades, a personalização, como tentativa de previsão de interesses e comportamentos, é elemento central na construção do modelo de negócio das plataformas on-line massivas, como estratégia de produção de dados e monetização de comportamentos (D’ANDRÉA, 2020). Neste sentido, personalização representa uma camada material e discursiva articulada para a naturalização de tecnologias performativo-preditivas (BRUNO, 2013) e com a captura dos dados pessoais (ZUBOFF, 2021). Trata-se, portanto, de um dos principais arranjos produtivos do processo de governo de comportamentos e condutas no âmbito das plataformas on-line.

Ao passo que predominam nos serviços massivos do mercado das plataformas, sistemas algorítmicos de personalização também enfrentam resistências. Os estudos sobre plataformas e algoritmos têm sido bem-sucedidos em produzir evidências empíricas das estratégias e táticas de negociação e de contestação ao chamado poder algorítmico em diferentes âmbitos (BUCHER, 2018; FERRARI; GRAHAM, 2021). É para essas dinâmicas dissonantes que este artigo busca focalizar sua lente analítica. O estudo tem como objetivo analisar as dinâmicas de contestação a sistemas algorítmicos de personalização em

¹ Notório físico inglês falecido em 2018.

plataformas on-line a partir da observação de extensões para navegador que buscam intervir em funcionalidades do Feed de Notícias do Facebook. Estes mecanismos são desenvolvidos para intervir na interface da plataforma, desabilitando o *feed* personalizado. Criado em 2006, o Feed de Notícias é uma das tecnologias pioneiras na massificação dos sistemas de classificação por relevância e da propagação do ideal de personalização (ARAUJO, 2017). Por muitos anos, foi considerada como uma das funcionalidades mais influentes globalmente, pelo alcance e número de usuários do Facebook (MEJÍA, 2015). Neste sentido foram analisadas três extensões que tem como principal função desativar o Feed de Notícias: *Quiet Facebook*, *Kill News Feed* e *News Feed Eradicator*. Tratam-se de mecanismos criados por desenvolvedores independentes e que, como a análise demonstra, são concebidos como métodos de autocontrole diante das ações do *feed* do Facebook.

Metodologicamente, o estudo apresenta uma pesquisa exploratória que reúne documentos e evidências sobre a existência e ação desses mecanismos ao longo de oito anos (de 2014 a 2022). A partir deste levantamento exploratório, é realizada a descrição de cada mecanismo de acordo com dois aspectos: (1) os sentidos que buscam produzir e instaurar; e (2) dos programas de ação que são postos em jogo com objetivo de reconfigurar as ações do Feed de Notícias. Neste sentido, a análise se desenvolve a partir da articulação de noções da historiografia das ferramentas digitais (HELMOND; VAN DER VLIST, 2021) e da semiótica material, com objetivo de mapear a construção dos sentidos dissonantes que as extensões analisadas almejam prescrever.

A partir da análise, é possível perceber que as ações das extensões são concebidas como uma ampliação da autonomia dos usuários diante do Facebook para, a partir da eliminação do *feed*, lidar com efeitos considerados indesejados da sua ação. *Ficar preso no feed* personalizado é o sentido mais recorrente, colocando as funcionalidades não apenas como uma forma de controlar o Facebook, mas também como uma forma de autocontrole diante das suas estratégias de controle da atenção.

2 Personalização como tática do poder algorítmico

A predominância dessas técnicas algorítmicas de classificação em plataformas on-line é indissociável da extração e exploração de grandes quantidades de dados dos usuários, seja no desenvolvimento desses sistemas via aprendizagem de máquina ou como insumo para seu funcionamento. A tradução da experiência humana em dados comportamentais é o insumo

para gestão desses serviços e elaboração de novos produtos. Técnicas como a mineração de dados e *profiling* são elementos de um projeto maior de consolidação de “tecnologias performativo-preditivas de controle e instrumentalização das escolhas individuais” (BRUNO, 2013, p. 175).

Mais do que apenas característica de funcionalidades dessas arquiteturas computacionais, a busca pelo controle e pela instrumentalização da ação dos sujeitos são valores que estão na base da lógica que orienta plataformas on-line e sua oferta irrestrita de *conexão* (BRUNO, 2013; COULDRY; MEJIAS, 2019). Em uma perspectiva mais ampla, Couldry e Mejias (2019) sustentam que o projeto da extração massiva e uso dos dados, que os autores chamam de colonialismo de dados, representa uma nova dinâmica de captura e capitalização da vida humana (COULDRY; MEJIAS, 2019). Para eles, a autonomia humana está sob ameaça diante da datificação da vida. De modo similar, Zuboff (2021), ao conceituar o que chama de capitalismo de vigilância, destaca os perigos para sociedades democráticas da restrição da autonomia individual por tecnologias que prescrevem e programam futuros a partir de comportamentos anteriores.

Assim, poder algorítmico é entendido a partir da noção de governamentalidade de Foucault (1995), como o arranjo material e discursivo centrado em dados e algoritmos computacionais que buscam antecipar, conduzir condutas e produzir comportamentos (BRUNO, 2013; BUCHER, 2018; FERRARI; GRAHAM, 2021) Esse modo de governo característico das plataformas online é acompanhado de uma racionalidade que coloca em jogo ideias como a personalização: como visto, uma abordagem que visa positivar a ação desses sistemas. A constituição da microfísica do poder algorítmico é mais visível ao se analisar o desenvolvimento e implantação de sistemas algorítmicos de recomendação. Em 2016, o Instagram mudou o funcionamento do seu *feed* para personalização através de técnicas algorítmicas, o que aumentou as métricas estratégicas da plataforma, como usuários ativos, tempo gasto na plataforma e fotos postadas. Embora tenha gerado reações negativas, foi considerado um grande sucesso pela empresa (DIMSON, 2017; SKRUBBELTRANG; GRUNNET; TARP, 2017).

A mudança da estrutura do *feed* do Instagram em 2016 é um exemplo claro de que esses mecanismos são concebidos, desenvolvidos e implementados como produtores de *engajamento*, pensada nessa racionalidade como uma *commodity* resultante da ação desses mecanismos (ARAUJO, 2017). Como destaca Seaver (2019, p. 423, tradução nossa), o desenvolvimento desses sistemas é orientado para “manter os usuários nas plataformas,

chamar sua atenção e para ajudar as empresas a conquistar participação de mercado”. Como observa o autor, é recorrente entre engenheiros que desenvolvem esses sistemas o uso da metáfora do algoritmo como armadilha para captura e manutenção da atenção dos usuários (SEEVER, 2019).

Como pondera Lupinacci (2021), essa arquitetura da busca pelo controle da atenção não é um fenômeno novo e pode ser observado em meios de comunicação anteriores, marcada pela produção de sentidos de urgência, imprevisibilidade, perigo etc. Porém, em plataformas online, como exemplificado pelo caso de 2016 do Instagram, a gestão desses sentidos está no centro do modelo de negócio desses serviços e se configura como uma potente racionalidade que guia o processo de desenvolvimento desses mecanismos. Lupanacci (2021) destaca que a construção de funcionalidades como os *feeds* de plataformas on-line é orientada para o desenvolvimento dessa sensação de instantaneidade, caracterizada pela produção de uma sensação de inconstância, esperando, a cada atualização do *feed*, a apresentação do inesperado. “[S]omos deliberadamente encorajados a sempre esperar o inesperado, mesmo em situações comuns e sem intercorrências, que nos mantêm presos a plataformas específicas sob a suposição de que algo notável pode acontecer a qualquer momento, o tempo todo” (LUPANACCI, 2021, p. 274, tradução nossa).

Embora representem um padrão sociotécnico quase naturalizado nas interfaces mais presentes cotidianamente, a personalização baseada em dados pessoais e algoritmos encontra resistências e contestações. Essa relação entre sujeitos e sistemas algorítmicos não tem uma natureza fixa (FERRARI; GRAHAM, 2021). Ao contrário, como destacam Ferrari e Graham (2021, p. 210, tradução nossa), “[o] poder algorítmico permite e constrange a ação social, envolve dominação e contra-ações, e é praticado - não possuído”. Isto é, poder de sistemas algorítmicos de personalização é sempre um processo relacional e que também é moldado pelas resistências exercidas a partir da perspectiva do *uso*. Essas resistências são chamadas por Ferrari e Graham (2021) como fissuras no poder algorítmico. Ou seja, momentos de intervenção nos quais os mecanismos “não governam como pretendido”, como resultado da ação dos sujeitos em interação com esses sistemas (FERRARI; GRAHAM, p. 208, tradução nossa).

A literatura sobre plataformas on-line e técnicas algorítmicas tem se concentrado mais em analisar os efeitos produtivos desses sistemas (MAGALHÃES, 2018). Porém, ao observar sistemas algorítmicos em sua potência agencial pode-se perder de vista as diferentes camadas e os diferentes atores que compõem sua rede e as resistências que também moldam sua ação.

É neste sentido que olhar contestações possibilita enxergar camadas, mesmo que superficiais, nas quais as fronteiras entre o que está dentro e o que está fora do mecanismo são negociadas.

Neste sentido, defendo que as extensões para navegador que alteram o Feed de Notícias e seu contexto de uso (a busca por transformar um dos sistemas mais proeminentes no consumo de plataformas na década de 2010) representam um caso singular e no qual as disputas sobre as fronteiras do que é o Feed de Notícias e como ele age são empiricamente melhor rastreáveis.

3 Historiografia do digital e semiótica material

A proposta de estudar as extensões para navegador que eliminam o Feed de Notícias representa um estudo de caráter histórico. Isto é, como propõem Helmond e Van der Vlist (2021), representa olhar para os vestígios materiais como fontes primárias, que podem auxiliar ao “contar histórias’ sobre a evolução da produção de um sistema, os usos preferenciais e as políticas incorporadas em objetos de software” (HELMOND; VAN DER VLIST, 2021, online, tradução nossa). A proposta dos autores destaca o potencial acadêmico de olhar em perspectiva para a transformação de funcionalidades como as extensões para navegador. Como vamos buscar demonstrar na análise, mapear os movimentos e imbricações no desenvolvimento dessas funcionalidades pode contribuir com debates contemporâneos sobre poder agencial algorítmico.

Ao passo que o estudo tem uma inspiração historiográfica a partir da observação de fontes materiais do desenvolvimento das funcionalidades analisadas, proponho o uso como matriz de análise desses dados a semiótica material da Teoria Ator-Rede (TAR). Semiótica material é definida por Law (2009) como um termo guarda-chuva para abordagens não humanistas que buscam olhar as materialidades como um efeito relacional, como a Teoria Ator-Rede, parte dos estudos feministas e as pesquisas sobre governamentalidade a partir da influência de Michel Foucault. A partir da proposta da semiótica material, podemos considerar que qualquer sistema algorítmico é resultado das relações que o produzem, como um efeito material que precisa continuamente ser produzido e performado (LAW, 2009). Neste sentido, as contestações e táticas de intervenção no funcionamento desses sistemas são justamente momentos nos quais há uma quebra dessa performatividade e os diferentes atores que compõem essa rede permanecem expostos.

Na versão da semiótica material desenvolvida no âmbito da Teoria Ator-Rede, ela é entendida como o esforço metodológico para analisar relações heterogêneas materialmente com o uso de ferramentas da semiótica (LAW, 2009). Essa análise de caráter semiótico tem como procedimento estudar a ordem ou trajetória de construção de significado, sem limitá-la aos signos linguísticos, considerando ser possível aplicá-la a máquinas, softwares, corpos, assim como se faz com textos (AKRICH; LATOUR, 1992). Portanto, a partir da semiótica material, podemos considerar que em objetos técnicos, como o Feed de Notícias e as extensões para navegador que analisamos, são inscritos roteiros que prescrevem ações aos atores envolvidos, promulgando certa visão de mundo. Isto é, conforme a metáfora produzida por Akrich (1992, p. 208), “como no roteiro de um filme, objetos técnicos definem um enquadramento da ação junto com os atores e o espaço no qual eles deveriam agir”. A isso é dado o nome de prescrição: “tudo que uma cena pressupõe para seus atores e autores” (LATOUR, 1992, p. 177, tradução nossa).

Como é possível perceber, adotar a semiótica material implica incorporar à análise um vocabulário específico, caracterizado para evitar termos que assumam, *a priori*, diferenças entre o que é técnico e o que é social (AKRICH, 1992). Na análise realizada neste estudo, utilizamos as seguintes ferramentas de descrição: prescrição (é a forma da ação de dispositivos a partir da construção de um cenário definido para ação daqueles que antecipa), programa de ação (os processos e instruções observados em um dispositivo para atingir seu objetivo) e antiprograma (programas de ação dos agentes em conflito com o programa) (ARAUJO, 2017).

A partir do enquadramento de análise descrito neste item do artigo, passamos a realizar a descrição das extensões analisadas, considerando os aspectos históricos passíveis de serem retomados a partir das fontes consultadas na pesquisa. O processo de levantamento dos dados para análise é descrito no item a seguir.

4 Os rastros da contestação: contextos de uso do Facebook

2014 foi um ano decisivo na trajetória do Facebook. Ao completar dez anos do seu lançamento, a plataforma alcançava um domínio global, configurando-se como “a maior rede social do planeta”, com mais de 1,2 bilhão de usuários ativos (G1, 2014, online). Neste cenário, sua principal funcionalidade, o Feed de Notícias, era considerada como sistemas de visibilidade global mais pervasivos e influentes (SOMAIYA, 2015). 2014 também representava a continuidade de transformações importantes no Feed de Notícias. No ano anterior, em 2013, a

empresa havia lançado uma nova versão da funcionalidade, já mencionada na introdução do texto, que colocava a personalização como elemento central, buscando tornar-se o melhor jornal personalizado do mundo. Esse modo de construção do Feed de Notícias demonstrava uma intervenção mais proativa da plataforma a caminho do ideal de personalização. O algoritmo era apresentado nos textos institucionais do Facebook como um agente eficiente e capaz de antecipar com precisão os interesses dos sujeitos usuários da plataforma.

Neste contexto, iniciou-se um processo exploratório de busca por dizeres sobre o Feed de Notícias, fosse na imprensa ou em publicações on-line em blogs e espaços de discussão. Tratava-se de um movimento exploratório e aberto de seguir discussões públicas sobre a funcionalidade, com o processo de seguir as negociações sobre como deveria ser um uso normal do Feed de Notícias e quais eram os pontos de conflito mais visíveis entre o que o mecanismo propunha e o uso esperado pelos usuários. Assim, durante todo o ano de 2014 foram realizadas pesquisas on-line por meio da ferramenta de pesquisa avançada do Google (GOOGLE, c2023). O distanciamento no tempo desde o início da produção de evidências, em 2014, até o momento de redação do texto da pesquisa, realizada em 2022, contribuiu para que fosse possível observar as transformações posteriores e, assim, compreender o quão interessante o caso aqui analisado é, já que condensa uma série de discussões que, contemporaneamente, se tornaram centrais para refletir sobre os efeitos da ação de plataformas e sistemas algorítmicos de personalização.

Em 2014, como destacado, o processo de pesquisa exploratória começa por mapear conteúdos que abordem o uso do Facebook e, em especial, do Feed de Notícias. Desde que plataformas on-line se tornaram ambientes massivos em que se realizam diferentes atividades, muitos criadores de conteúdo têm se especializado em publicações sobre como realizar um melhor uso desses serviços. Conteúdos desse tipo formam um rico e importante arquivo de hipóteses gerais sobre que uso o mecanismo apresenta ao usuário e, de outro modo, como o usuário considera que deveria ser o uso ideal. Como destaca Helmond (2015, p. 2, tradução nossa), esses criadores de conteúdo representam atores centrais da indústria da tecnologia, construindo “reflexões iniciais sobre tecnologias emergentes da web, descrições técnicas, comentários, bem como aprofundadas análises de serviços da web e outros fenômenos on-line”.

Ao longo dessas contínuas buscas, observa-se o surgimento em diferentes publicações de textos sobre funcionalidades que buscavam alterar o Feed de Notícias para evitar efeitos indesejados do seu uso, como a produção de distração (OLHAR DIGITAL, 2014). Como diz um

texto da época publicado no *Venture Beat*, portal de notícias sobre tecnologia do Vale do Silício: “O Facebook pode ser a ferramenta de comunicação perfeita, mas o Feed de Notícias é uma máquina de distração – ele acaba com a produtividade e dá aos usuários o persistente medo de estar perdendo algo [*fear of missing out, FOMO*]” (WEBER, 2014, online).

Extensões para navegadores são aplicativos que funcionam como complementos para exibição de páginas de web, possibilitando diferentes ferramentas e funções durante a navegação. O tipo de extensão que este estudo aborda é um padrão tecnológico comum na rede. Esses mecanismos interagem com os códigos, arquivos e servidores de páginas de web, usando tecnologias como HTML, CSS e *JavaScript*. Como muitas plataformas on-line, navegadores oferecem serviços abertos a aplicativos externos, onde desenvolvedores independentes podem compartilhar seus mecanismos. Extensões não mudam o código fonte de um site, mas podem alterar sua apresentação ao usuário através de mudanças no carregamento dos arquivos em uma página de web, adicionando, alterando ou ocultando seus componentes. Cabe destacar que embora hoje grande parte do uso de plataforma on-line se dê por meio de aplicativos proprietários em dispositivos móveis, como celulares e tablets, essa não era a realidade do ano de 2014: na época, o uso através de notebooks e computadores de mesa para o acesso a serviços como Facebook ainda era predominante. Conforme dados da pesquisa TIC Domicílios (CEETIC, 2016), em 2014, apenas 47% dos brasileiros usavam o telefone celular para acessar redes sociais.

Em seu funcionamento prático, os códigos computacionais que compõem as extensões atuam na última camada da rede de atores que conforma o Feed de Notícias: na exibição dos seus elementos da interface ao usuário. Essa percepção é fundamental para que se destaque o caráter multidimensional dos objetos técnicos, especialmente no caso de plataformas on-line. Esses sistemas são compostos por um grande número de dimensões, que se concatenam para que uma plataforma possa atuar. Neste sentido, as extensões analisadas neste estudo rompem a fronteira do mecanismo em uma de suas camadas mais externas, quando as funcionalidades das plataformas são traduzidas para as linguagens da web (HTML, CSS e *JavaScript*) para que possam ser lidas pelo navegador. O código das extensões analisadas vai justamente alterar a leitura normal do Feed de Notícias pelos navegadores, criando fissuras no modo de agir do sistema. Em dispositivos móveis como celulares e tablets, plataformas on-line geralmente são acessadas por meio de aplicativos: sistemas proprietários nos quais há maior dificuldade de penetrar e gerar fissuras no modo que agem.

Com base em pesquisas exploratórias on-line realizadas durante o ano de 2014 em torno dos debates sobre o uso do Feed de Notícias, foram selecionadas três extensões para navegador que figuram nessas publicações como alternativas para evitar efeitos indesejados da ação do mecanismo. Por meio de buscas on-line, foram pesquisados e arquivados as publicações e conteúdos produzidos sobre as extensões. Por fim, todos os desenvolvedores responsáveis pelos mecanismos analisados foram contatados por e-mail para que se realizasse uma breve entrevista. Apenas um respondeu positivamente e foi entrevistado por e-mail.

A partir do arquivo de documentos produzido sobre as extensões, composto de documentos e entrevistas, realizamos uma descrição dos mecanismos conforme a perspectiva da semiótica material. Nesse processo descritivo, como já destacado, são enfatizados os sentidos produzidos pelas extensões e seus programas de ação.

4.1 Mate o feed: códigos para anulação do Feed de Notícias

“Mate o Feed de Notícias e use o Facebook como ele era em 2005” (WEBER, 2014, on-line, tradução nossa), diz o título de publicação no site do *Venture Beat*, já citada anteriormente. A ideia de retroceder um mecanismo no tempo parece um contrassenso, já que toda a cultura de uso de tecnologias digitais aponta para a ideia de avanço tecnológico. Então, a manchete do texto em questão quer chamar atenção para as insatisfações com a principal funcionalidade do Facebook: o *feed* personalizado. Em seguida, o autor se dirige aos usuários também descontentes e avalia:

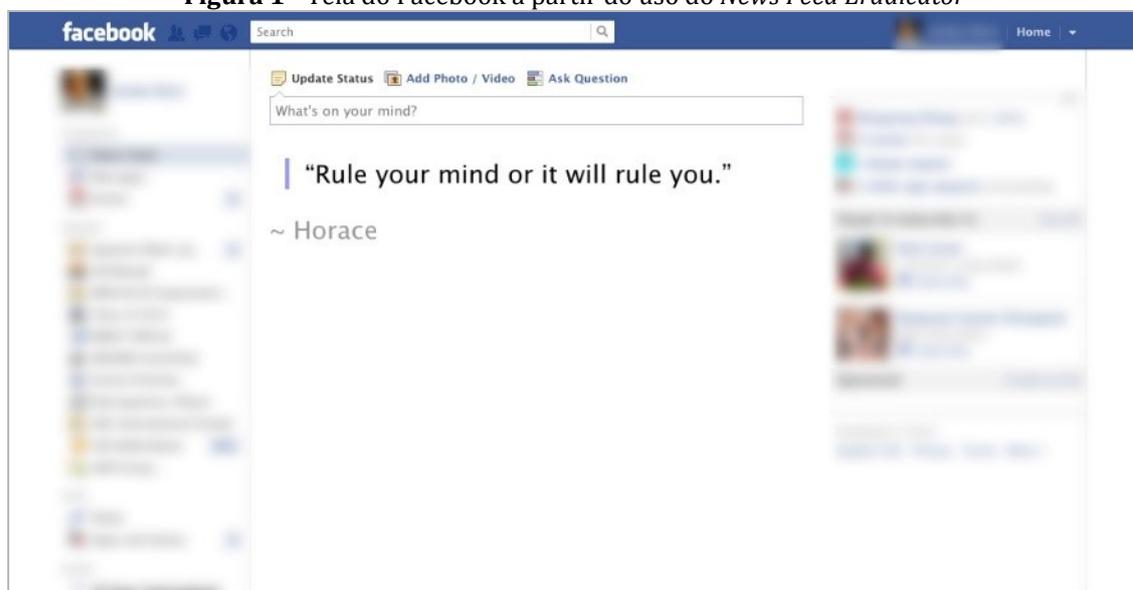
Se você já se sentiu assim [insatisfeito], não está sozinho. Em protesto contra as mudanças no Facebook, milhares de usuários instalaram uma nova extensão do Chrome, ‘News Feed Eradicator for Facebook’, para silenciar o Feed de Notícias do Facebook. E os usuários do Safari com experiência em tecnologia optaram por eliminar o feed por meio de um simples ajuste com CSS. A modificação envia os usuários de volta ao antigo Facebook – antes que a página inicial da rede social se tornasse uma ferramenta para perseguir implacavelmente seus amigos em 2006 (WEBER, 2014, on-line, tradução nossa).

Como o trecho citado materializa, há no período de início da pesquisa, em 2014, um recorrente sentimento de insatisfação com o projeto de personalização algorítmica materializado no Feed de Notícias do Facebook. Conforme foi possível mapear nas pesquisas exploratórias, essa insatisfação é mais frequentemente relacionada com ao menos três diferentes sentidos: a possível irrelevância dos conteúdos selecionados no *feed*, aspectos da

privacidade dos usuários (como figura no relato de Weber (2014)) e, por fim, o sentido mais mencionado é a perda de tempo que *feed* gera ao capturar a atenção dos usuários.

A partir dos textos que abordaram essas dinâmicas envolvendo o Feed de Notícias, foram verificadas três extensões para navegador que buscam eliminar o Feed de Notícias e seus efeitos: *Kill News Feed*, *News Feed Eradicator* e *Quiet Facebook*. Esses mecanismos têm como principal função desativar todo o Feed de Notícias, possibilitando o uso do Facebook no navegador (para troca de mensagens e participação em grupos, por exemplo) sem que se esteja exposto ao *feed*: “Você ainda pode usar outras funcionalidades como de costume, mas não terá sua atenção sugada” (WEST, 2022, online, tradução nossa). No caso da extensão *News Feed Eradicator*, como é possível observar na Figura 1, o mecanismo troca “todo o seu Feed de Notícias por uma frase inspiradora” (WEST, 2022, online, tradução nossa). As três extensões receberam significativa atenção da cobertura da imprensa, em publicações como Olhar Digital (2014), *BuzzFeed* (NGUYEN, 2015), *CanalTech* (MARTINS, 2015), *Estadão* (CAPELAS, 2014), etc.

Figura 1 - Tela do Facebook a partir do uso do *News Feed Eradicator*



Fonte: West (2022).

Ao analisar as diferentes materialidades e discursos que compõem a existência desses mecanismos, é possível afirmar que eles partilham diversas características, que passamos a destacar. Inicialmente, o plano de ação apresentado em cada uma delas é idêntico: eliminar o *feed* e, conseqüentemente, a distração. Nas materialidades e discursos que compõem os mecanismos, esse plano de ação, bastante simples, é associado a sentidos subjetivos de

autocontrole e autonomia diante do Feed de Notícias. Isto é, nas construções associadas aos mecanismos há narrativas sobre funcionalidades que as enquadram como projetos individuais inspirados e justificados pela reflexão subjetiva dos seus desenvolvedores sobre os usos que realizam do Facebook. Tal característica foi observada principalmente quando se observa a construção das extensões, seja por meio do código computacional ou pelas suas interfaces de acesso, como as lojas de extensões ou sites nos quais o seu *download* está disponível. Em todos os espaços nos quais esses mecanismos são construídos, é possível destacar estratégias e narrativas pessoais que marcam a definição de suas funções e objetivos. Por exemplo, o desenvolvedor responsável pelo *News Feed Eradicator* conta em seu site pessoal que sua extensão surgiu quando realizava tarefas universitárias: “Às vezes, eu queria abrir o grupo da turma da faculdade no Facebook, mas, ao invés disso, eu me via rodando esse Feed de Notícias por horas a fio, e então esquecendo o porquê abri o Facebook” (WEST, 2015, online, tradução nossa). De maneira similar, o criador de *Quiet Facebook*, ao refletir sobre a importância comunicativa do Facebook em sua rotina, descreve o processo de produção do mecanismo como resultado da observação e problematização dos conteúdos que figuravam em seu Feed de Notícias: “Eu concluí que não preciso ler o Feed de Notícias, então escrevi uma folha de estilo (Style Sheet) que o esconde” (FRIEDRICH, 2014a, online, tradução nossa). Nos comentários que coloca ao longo da folha de estilo em CSS, ele também marca os sentidos que atribui à sua construção: “/* Feed de Notícias [...] oculto para evitar atualizações infinitas” (FRIEDRICH, 2021, on-line, tradução nossa). Como é possível notar, a presença de relatos pessoais associados aos mecanismos marca narrativas sobre os momentos nos quais o desenvolvedor se viu absorvido pelo fluxo de publicações no Feed de Notícias. Essa ênfase da ação dos mecanismos como método de autocontrole também foi possível observar em entrevista por e-mail com o programador Neal Wu, responsável pela extensão *Kill News Feed*. No diálogo, Wu reforça que seu objetivo ao desenvolver a extensão foi criar um método de lidar com a intenção de sistemas como o Feed de Notícias de “tornar-se mais e mais viciantes (para atrair o tráfego de usuários)”. Ele conclui: “Eu apenas penso minha extensão como um produto que ajuda as pessoas a retomar o controle sobre como elas gastam seu tempo”.

Ao buscar por conversações e discussões sobre a ação das extensões, foi possível observar um considerável reforço dos sentidos que os mecanismos buscam produzir. Por exemplo, no *Product Hunt*, fórum de debates sobre novas funcionalidades, diferentes usuários comentam na página do *News Feed Eradicator* sobre suas experiências com o Feed de Notícias e as possibilidades trazidas pela ação da extensão: “Eu uso essa extensão acho que há mais de

um ano e perdi o hábito de rodar meu *feed* do Facebook no laptop (o que significa que posso ser um pouco mais produtivo). Incrível como essa pequena mudança pode ser tão poderosa” (PRODUCT HUNT, 2015, online, tradução nossa). Do mesmo modo, em um fórum online de debates sobre novas funcionalidades digitais, chamado *Hacker News*, o criador da extensão *Quiet Facebook* publicou um tópico sobre sua extensão no qual dezenas de usuários do Facebook compartilham suas percepções sobre a relação com o *feed*. Por exemplo, um perfil identificado como *luos* reclama sobre a seleção de conteúdos:

Eu realmente não me interessava por posts ou piadas de outras pessoas 2214 vezes. Às vezes, eu verifico o Facebook no meu celular e isso só reforça minha decisão de esconder o feed. O melhor é que ele elimina a possibilidade de rolagem sem fim do feed. No geral, recomendado (FRIEDRICH, 2014b, online, tradução nossa).

Nas pesquisas sobre as extensões analisadas, também foi possível encontrar relatos individuais em formato de publicações em blog sobre experiências com as extensões. É o caso da publicação no blog *Manual do Usuário*, assinado por Bracht (2014). No texto, o autor relata sua motivação para matar o *feed* ao usar o mecanismo *Kill News Feed*: “Como certamente muitos outros usuários do Facebook, quem sabe até a maioria deles, há algum tempo venho me preocupando com o tempo gasto interagindo basicamente com a barra de rolagem no Facebook” (BRACHT, 2014, online).

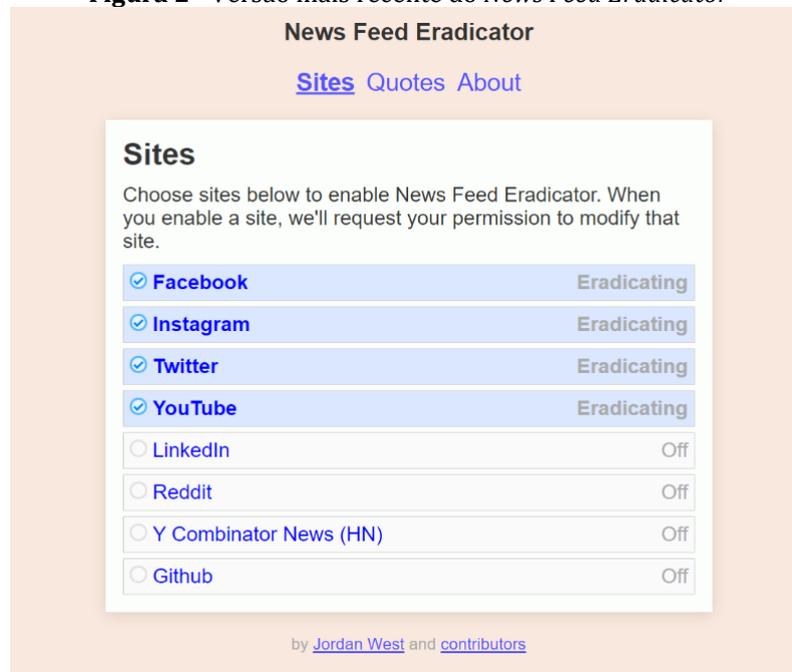
Ao retomar o que é proposto por Akrich (1992), podemos perceber que as extensões analisadas são interessantes exemplos da fluidez que caracteriza as fronteiras de objetos técnicos. A interface do Feed de Notícias limita a atuação dos usuários em espaços específicos e impede o acesso a outros. Os usuários podem publicar conteúdo, curtir, comentar e compartilhar publicações, mas não podem modificar a estrutura da interface. No entanto, a fronteira entre o interior e o exterior do objeto são desafiadas pelas extensões que analisamos e seus projetos de interferência na interface do programa. Ao desafiar a fronteira original da interface do Facebook, elas demonstram como a circunscrição dos objetos é um processo em constante mudança e como as fronteiras entre o interior e o exterior do objeto podem ser renegociadas ou disputadas pelos usuários.

Como os relatos citados no corpo da análise ilustram, as ações das extensões observadas são concebidas enquanto uma forma de lidar com efeitos considerados indesejados da ação do *feed*, principalmente no que diz respeito à ideia de ficar preso na infinidade de conteúdos que o *feed* personalizado. Como destaca Lupinacci (2021), a produção de uma

sensação de instantaneidade e inconstância nestas interfaces geram nos usuários uma sensação de urgência e a expectativa de algo sempre novo e surpreendente. Assim, as extensões funcionam como uma intervenção para lidar com a excessiva demanda de atenção, a fim de não perder tempo e melhorar sua produtividade. Neste sentido, os mecanismos funcionariam não apenas como uma forma controlar o *feed*, mas também como uma forma de autocontrole. É possível notar que esses relatos são associados a sentidos que colocam esses mecanismos como ferramentas de produtividade: técnicas individuais de ampliação da capacidade produtiva a partir da eliminação das distrações. Trata-se de um discurso frequente nas representações de si no paradigma da governamentalidade neoliberal (LAMARRE *et al.*, 2019).

Das extensões analisadas neste item, duas delas seguem disponíveis para uso no momento da redação do artigo: *News Feed Eradicator* e *Quiet Facebook*. Em ambos os casos, as extensões já contam com dezenas de atualizações lançadas continuamente para lidar com as mudanças do Facebook. No caso da extensão *News Feed Eradicator* (Figura 2), com mais de 200 mil usuários, sua atuação foi ampliada para diferentes plataformas online, possibilitando além do Facebook também eliminar o *feed* do Instagram, YouTube, Twitter, LinkedIn etc.

Figura 2 - Versão mais recente do *News Feed Eradicator*



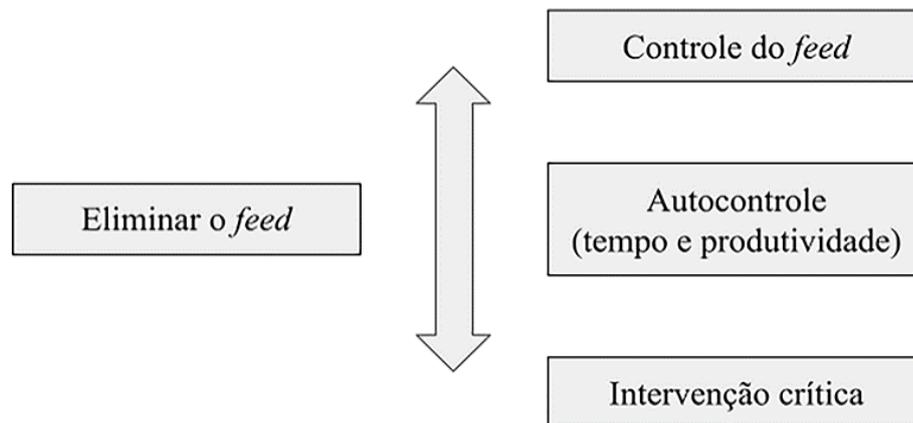
Fonte: West (2022).

Em levantamentos realizados mais próximos do momento da escrita, foi possível perceber que essas extensões seguem como agentes no crescente debate sobre os efeitos de

sistemas como os *feeds* de plataformas online. Por exemplo, em textos mais recentes de publicações como *The Guardian* (CADDY, 2022) e *The Washington Post* (OLSON, 2022), o uso de extensões analisadas é relacionada com debates contemporâneos como as ideias de detox digital e adicção em dispositivos digitais como smartphones.

Como forma de consolidar o que foi descrito neste artigo, elaboramos a Figura 3, que apresenta um esquema visual sobre o que emerge do uso das extensões para eliminar o Feed de Notícias.

Figura 3 - Diagrama das ações a partir do uso das extensões para eliminar o Feed de Notícias



Fonte: Elaborado pelo autor.

O diagrama apresentado na Figura 3 identifica os três principais aspectos que emergem dos usos analisados no artigo. Eliminar o *feed* é inicialmente visto como uma forma de controlar seus efeitos indesejados, tais como o aumento da ansiedade e da distração causados pelo excesso de informações e notificações. Conectado a isso, essas extensões também são enquadradas pelos seus desenvolvedores e usuários como tática de desenvolvimento de autocontrole diante desses efeitos, permitindo que usem melhor seu tempo. Por fim, compartilhar esses usos é visto como uma forma de intervenção crítica, que marca uma posição sobre o uso dessa tecnologia e os impactos que ela tem.

Para concluir, é importante ressaltar que o uso de extensões para controlar o *feed* do Facebook é uma prática minoritária diante dos bilhões de usuários que utilizam a plataforma. Além disso, é difícil avaliar se o uso desses mecanismos tem algum impacto no modo como os algoritmos do Facebook funcionam. No entanto, é inegável que há um crescimento na consciência e na desaprovação das técnicas de 'controle da atenção' incorporadas nas

interfaces de plataformas online. Cada vez mais, os usuários estão buscando alternativas para lidar com o bombardeio constante de informações e a sensação de urgência criada pelas plataformas. Isso pode indicar uma mudança gradual em relação ao modo como as pessoas consomem e interagem com a tecnologia. Portanto, é fundamental continuar acompanhando a evolução dessas práticas e suas possíveis implicações na forma como usamos e negociamos com as tecnologias em nossas vidas cotidianas.

5 Considerações finais

Este artigo buscou analisar as táticas de contestação a partir de extensões para navegadores de web desenvolvidas para intervir na interface do Facebook, desabilitando o Feed de Notícias. Foram analisadas três extensões que tem como principal função desativar a funcionalidade: *Quiet Facebook*, *Kill News Feed* e *News Feed Eradicator*. A partir da análise, o texto almejou estabelecer uma descrição que mapeasse a construção dos sentidos dissonantes que as extensões analisadas buscam prescrever.

Os mecanismos descritos se caracterizam por reforçar o projeto de seus criadores, enquanto sujeitos em relação com o Facebook, propondo o deslocamento das funcionalidades do Feed de Notícias. Isto é, esses mecanismos reforçam perspectivas particulares na relação de negociação com a agência do Facebook, buscando estabelecer contestações sobre questões como a autonomia do usuário diante do mecanismo e sobre as táticas de captura da atenção. Como descrito ao longo do artigo, os mecanismos são associados a propostas de correção, de anulação, de desativação etc., baseadas em metáfora de inversão do polo de controle da ação do Facebook para o usuário.

Outro aspecto que chama atenção é como o fator 'tempo' é mencionado pelos desenvolvedores das extensões e sua relação entre a experiência temporal dos usuários e a captura da atenção pelo Facebook. Ao desativar o Feed de Notícias, essas extensões visam otimizar o tempo dos usuários ao limitar o uso de uma plataforma que frequentemente compete por sua atenção, interrompendo a experiência temporal contínua e interferindo em outras atividades do usuário. Essa questão também nos parece estar relacionada aos discursos neoliberais contemporâneos de gestão de si e potencialização das performances individuais (LAMARRE *et al.*, 2019). Esses discursos pregam a ideia de que os indivíduos devem ser empreendedores de si mesmos, buscando constantemente otimizar seu tempo e maximizar sua produtividade. Essa potencialização das performances individuais está relacionada à ideia de

que os indivíduos devem ser capazes de controlar e gerir seu tempo de forma eficiente. Ao desativar o Feed de Notícias do Facebook, os usuários podem se sentir mais no controle de seu tempo e, conseqüentemente, de sua vida.

É interessante notar que os mecanismos acompanhados neste estudo apresentam práticas material-discursivas similares: eles tendem a ser construídos como projetos individuais de seus desenvolvedores, informados e justificados por reflexões pessoais sobre o uso do Facebook. Narrativas pessoais são postas como a principal motivação para a elaboração dessas reações críticas à interface do Facebook, que podem ser observadas para além do resultado pragmático do uso de cada extensão. Isso figura de forma evidente nas narrativas associadas a cada mecanismo.

A circulação desses mecanismos através da web pela atitude de compartilhar e disponibilizar extensões ou códigos é outro rastro empírico importante para o estudo proposto. Como se pode observar ao seguir esses rastros, a atitude de compartilhar os mecanismos cria um discurso minoritário que circula na web em fóruns, sites de redes sociais, notícias, dentre outros, associado a narrativas pessoais sobre o relacionamento com o Feed de Notícias e o Facebook de modo geral. Para estudos futuros, emerge como uma possibilidade de investigação ampliar a observação de ambientes on-line associados a esses mecanismos, a fim de aprofundar o entendimento sobre como ou se os usuários dessas extensões, a partir do seu uso, ressignificam sua relação com o serviço.

Por fim, outro ponto que se considera relevante para ampliação do debate aqui proposto é a discussão sobre autonomia e controle. Como destacado, autonomia e liberdade são noções que aparecem nas falas dos sujeitos ouvidos, assim como na construção das extensões analisadas. Porém, é necessário relativizar esses conceitos com o objetivo de não assumir uma noção de autonomia essencialista. Para abordar a intersecção entre os conceitos de agência, liberdade e autonomia, destaca-se como frutífera a noção de autonomia relativa, como crítica à moralidade moderna excessivamente racionalista e individualista (PFADENHAUER; SUGIYAMA; ESS, 2015).

Referências

ARAUJO, W. F. **As narrativas sobre os algoritmos do Facebook: uma análise dos 10 anos do feed de notícias.** 2017. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

AKRICH, M. The de-scription of technical objects. *In*: BIJKER, W. E.; LAW, J. (ed.). **Shaping technology / building society**: studies in sociotechnical change. Cambridge: The MIT Press, 1992. p. 205-224.

AKRICH, M.; LATOUR, B. A summary of a convenient vocabulary for the semiotics of human and nonhuman assemblies. *In*: BIJKER, W. E.; LAW, J. (ed.). **Shaping technology / building Society**: studies in sociotechnical change. Cambridge: The MIT Press, 1992. p. 259-264.

BRACHT, F. Matei o Feed de notícias do Facebook. **Manual do usuário**, Curitiba, 26 maio 2014. Disponível em: <https://manualdousuario.net/kill-news-feed/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BUCHER, T. **If... then**: Algorithmic power and politics. Oxford: Oxford University Press, 2018.

CADDY, B. Ten ways to take control of your smartphone. **The guardian**, London, 15 jan. 2022. Available in: <https://www.theguardian.com/technology/2022/jan/15/ten-ways-to-take-control-of-your-smartphone-attention-screentime>. Accessed on: 17 dec. 2022.

CAPELAS, B. Acabe com o feed de notícias do seu Facebook. **Estadão**, São Paulo, 11 abr. 2014. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/link/acabe-com-o-feed-de-noticias-do-seu-facebook/>. Acesso em: 4 dez. 2022.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CEETIC). **Tic domicílios**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

D'ANDRÉA, C. F. B. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Salvador: UFBA, 2020.

DIMSON, T. Measurement and analysis of predictive feed ranking models on instagram. **At Scale Conferences**, Menlo Park, 2 feb. 2017. Available in: <https://atscaleconference.com/videos/measurement-and-analysis-of-predictive-feed-ranking-models-on-instagram/>. Accessed on: 17 dec. 2022.

FERRARI, F.; GRAHAM, M. Fissuras no poder algorítmico: plataformas, códigos e contestação. **Fronteiras-estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 207-219, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.14>. Acesso em: 22 mar. 2023.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: RABINOW, P.; DREYFUS, H. (ed.). **Uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FRIEDRICH, M. Facebook without the news feed. **Maxfriedrich**, Hamburg, 21 may 2014a. Available in: <http://maxfriedrich.de/post/86417669824>. Accessed on: 17 dec. 2022.

FRIEDRICH, M. Quiet-facebook. **GitHub**, San Francisco, 27 dec. 2021. Available in: <https://github.com/maxfriedrich/quiet-facebook/blob/master/quiet-facebook.css>. Accessed on: 17 dec. 2022.

FRIEDRICH, M. Facebook without the news feed. **Hacker News**, 22 may 2014b. Available in: <https://news.ycombinator.com/item?id=7783420>. Accessed on: 22 dec. 2022.

G1. Tecnologias e games. Facebook completa 10 anos: veja a evolução da rede social. **G1**, São Paulo, 4 fev. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>. Acesso em: 22 dez. 2022.

GOOGLE. Pesquisa avançada. **Google**, Menlo Park, c2023. Disponível em: https://www.google.com/advanced_search. Acesso em: 22 mar. 2023.

HELMOND, A. **The web as platform: data flows in social media**. 2015. Thesis (Doctoral degree in Cultural Analysis) - Faculty of Humanities, Universiteit van Amsterdam, Amsterdam, 2015.

HELMOND, A.; VAN DER VLIST, F. Platform and app histories: Assessing source availability in web archives and app repositories. In: GOMES, D. *et al* (ed.) **The past web**. Berlin: Springer, 2021. p. 203-214.

LAMARRE, A. *et al*. The normal, improving, and productive self: Unpacking neoliberal governmentality in therapeutic interactions. **Journal of constructivist psychology**, Philadelphia, v. 32, n. 3, p. 236-253, 2019. Available in: <https://doi.org/10.1080/10720537.2018.1477080>. Accessed on: 22 mar. 2023.

LATOURET, B. where are the missing masses? the sociology of a few mundane artifacts. In: BIJKER, W. E.; LAW, J. (ed.). **Shaping technology / building society: studies in sociotechnical change**. Cambridge: The MIT Press, 1992. p. 153-180.

LAW, J. Actor network theory and material semiotics. In: TURNER, B. S. **The new blackwell companion to social theory**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. p. 143-158.

LUPINACCI, L. 'Absentmindedly scrolling through nothing': liveness and compulsory continuous connectedness in social media. **Media, culture & society**, London, v. 43, n. 2, p. 273-290, 2021. Available in: <https://doi.org/10.1177/0163443720939454>. Accessed on: 22 mar. 2023.

MAGALHÃES, J. C. Do algorithms shape character? Considering algorithmic ethical subjectivation. **Social media+ society**, London, v. 4, n. 2, 2018. Available in: <https://doi.org/10.1177/2056305118768301>. Accessed on: 22 mar. 2023.

MEJÍA, J. Conheça Greg Marra; o jovem que decide o que você lê no Facebook. **Revista Galileu**, Rio de Janeiro, 25 fev. 2015. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/Internet/noticia/2015/02/como-um-engenheiro-do-facebook-se-tornou-responsavel-por-decidir-o-que-voce-le-na-internet.html>. Acesso em: 7 nov. 2022.

MARTINS, A. Livre-se do feed do Facebook com o Kill News Feed. **CanalTech**, Franca, 24 abr. 2015. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/livre-se-do-feed-do-facebook-com-o-kill-news-feed/>. Acesso em: 4 dez. 2022.

NGUYEN, N. 19 internet hacks every student should know. **BuzzFeed**, New York, 15 sept. 2015. Available in: <https://www.buzzfeed.com/nicolenguyen/hacks-every-student-should-know>. Accessed on: 4 dec. 2022.

PFADENHAUER, M.; SUGIYAMA, S.; ESS, C. M. Special Issue of IJSR on Social Robots: form, content, critique. **International journal of social robotics**, Berlin, v. 7, n. 3, p. 333-334, 2015. Available in: <https://www.doi.org/10.1007/s12369-015-0291-1>. Accessed on: 22 mar. 2023.

OLHAR DIGITAL. Conheça ferramentas que evitam distrações no Facebook. **Olhar Digital**, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/conheca-ferramentas-que-acabam-com-distracoes-no-facebook/42169>. Acesso em: 17 fev. 2016.

OLSON, P. The secret tricks to beating phone addiction shouldn't be secret. **The Washington Post**, Washington, 10 jul. 2022. Available in: https://www.washingtonpost.com/business/the-secret-tricks-to-beating-phone-addiction-shouldnt-be-secret/2022/07/09/a2994076-ff65-11ec-b39d-71309168014b_story.html. Accessed on: 17 dec. 2022.

PRODUCT HUNT. News Feed Eradicator. **Product Hunt**, San Francisco, dec. 2015. Available in: <https://www.producthunt.com/products/news-feed-eradicator#news-feed-eradicator>. Accessed on: 17 dec. 2022.

SEAVER, N. Captivating algorithms: Recommender systems as traps. **Journal of material culture**, London, v. 24, n. 4, p. 421-436, 2019. Available in: <https://doi.org/10.1177/1359183518820366>. Accessed on: 22 mar. 2023.

SKRUBBELTRANG, M.; GRUNNET, J.; TARP, N. #RIPINSTAGRAM: Examining user's counter-narratives opposing the introduction of algorithmic personalization on Instagram. **First monday**, Bridgman, v. 22, n. 4, apr. 2017.

SOMAIYA, R. How Facebook is changing the way its users consume journalism. **The New York Times**, New York, 27 oct. 2015. Available in: <https://www.nytimes.com/2014/10/27/business/media/how-facebook-is-changing-the-way-its-users-consume-journalism.html>. Accessed on: 22 dec. 2022.

WEBER, H. Kill the News Feed and use Facebook like its 2005. **Venture beat**, San Francisco, 23 may 2014. Available in: <https://venturebeat.com/social/kill-the-news-feed-and-use-facebook-like-its-2005/>. Accessed on: 22 dec. 2022.

WEST, J. News feed eradicator. **West Blog**, Sydney, 2015. Available in: <http://west.io/project/news-feed-eradicator/>. Accessed on: 17 fev. 2016.

WEST, J. News feed eradicator for facebook. **Chrome Web Store**, Menlo Park, 15 nov. 2022. Available in: <https://chrome.google.com/webstore/detail/news-feed-eradicator-for/fjcldmjmhkklehbaiciaiopjklhlhg?hl=en>. Accessed on: 17 feb. 2022.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.

ZUCKERBERG, M. For the next hour I'll be here answering your questions on Facebook. **Facebook**, Menlo Park, 30 jun. 2015. Disponível em: <https://facebook.com/zuck/posts/10102213601037571>. Acesso em: 17 fev. 2016.

Kill the feed and take back control: stories about personalization, governmentality, and fissures in algorithmic power

Abstract

The article addresses dissonant and contrary reactions to digital environments marked by the notion of personalization, focusing on the Facebook News Feed. The objective of the research is to reflect on the dynamics of contestation of algorithmic personalization systems on online platforms from the observation of browser extensions that seek to intervene in these functionalities. For this, three browser extensions produced by Facebook users who seek to eliminate the News Feed are analyzed. Methodologically, the study presents an exploratory research, which aims to describe each mechanism from its meanings and action programs. In this sense, the analysis is developed from the historiography of digital tools and material semiotics, with the objective of mapping the construction of meanings and actions that the analyzed extensions aim to prescribe. Finally, it can be seen that the actions of the extensions are conceived as an expansion of the autonomy of users in face of Facebook to, from the elimination of the feed, deal with effects considered undesirable from their action.

Keywords

news feed; personalization; algorithmic power

Autoria para correspondência

Willian Fernandes Araujo
willianfaraujo@gmail.com

Como citar

ARAUJO, Willian Fernandes. Mate o feed e retome o controle: histórias sobre personalização, governamentalidade e fissuras no poder algorítmico. **Intexto**, Porto Alegre, n. 55, e-129276, 2023. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.129276>

Recebido: 05/01/2023

Aceito: 22/03/2023

